

55. Bono no Fundo

rejeitando a posição menos ousada / o futuro da rede da zoo tv / se perdendo e esquecendo a passagem de som / bono é deixado sem roupa e inconsciente / o u2 se apresenta muito mal / deus não está morto, nietzsche está

“OLHE AQUILO”, diz Bono, apontando do tranquilo jardim japonês onde ele está sentado essa manhã para os andares mais altos do hotel. Larry e Edge vieram para as janelas de seus quartos, um andar acima do outro, e sem saber, cada um ficou na mesma posição nas suas janelas, examinando a paisagem com a mesma expressão (a mesma que Ben Cartwright fez enquanto avistava a Ponderosa na abertura de *Bonanza*) e os mesmos trejeitos, e então saíram.

“Chegamos ao fim disso”, eu digo para Bono. “Você está desgastado, você esgotou a faísca que desencadeou isso há 3 anos atrás. Acha o suficiente?”

“Sim, eu acho”, diz Bono. “Até chegarmos a Tóquio”.

“Agora você está renovado?”

“Não, não estamos renovados - estamos redirecionados. Eu não quero fazer mais shows ou qualquer coisa assim, mas eu quero ficar aqui por mais um tempo. Há algo que está despertando meu interesse aqui que eu não sei muito bem o que é. Talvez seja apenas o óbvio, a colisão entre a arte humana e a alta tecnologia. Eu não sei se é só isso, mas eu acho que talvez haja outras coisas aqui que eu não me importaria de estudar a fundo”.

“No começo dessa caminhada você falou sobre desafiar a época e abraçar a idade. E você estava dizendo ontem à noite que talvez você tivesse tido sucesso em ambas”.

“Na verdade, eu não estava falando se tínhamos sido bem-sucedidos ou se tínhamos falhado, mas que estávamos convictos sobre nossos instintos da ideia de contracultura, a maneira que costumava ser nos anos sessenta, aquilo está morto. E eu estou interessado nessas ideias mais orientais. as quais nós chamamos despreziosamente de judô, que você usa a energia que está vindo contra você - o que eu entendo como cultura popular, comércio, ciência - para se defender. Melhor que a *Resistência*, no sentido punk ou hippie da palavra. Você tenta caminhar através dessa ideia, melhor que desistir dela. Ao contrário das ideias antigas de desistir de tudo para formar seu próprio Jardim do Éden - o tipo de posição menos ousada”.

“É onde os canais de TV entram. Vamos pegar a Zoo TV e transformá-la numa rede de TV. Ver isso acontecer em outro campo pode ser interessante. Isso se torna uma extensão da ideia original. E porque não?”

A proposta da rede da Zoo TV, em conjunção com a MTV, paga pela Polygram e alguns outros investidores, está se tornando realidade do mesmo modo que o momento “Se algo pode ser feito, nós deveríamos fazê-lo”, o que levou a criação de reatores nucleares, do som quadrifônico e do monstro de Frankenstein. Apesar disso, todos ao redor do U2 parecem ter uma ideia diferente de como deveria ser. Bono vê isso como uma janela para o mundo dos filmes de Kenneth Anger e Wim Wenders, música de vanguarda, teatro *progressivo*, talk shows filosóficos, e compras domésticas de artigos semi-surreais. McGuinness acha que é uma chance para o U2 ganhar muito dinheiro usando o dinheiro de outros. Edge é cautelosamente otimista, Larry é cautelosamente pessimista, e Adam diz que, se de um lado ele não tem dúvidas de que o U2 pode surgir com um canal que *ele* poderia se divertir assistindo, do outro lado, ele não tem certeza que isso os credencia para se tornarem executivos da rede. Eu

sugiro a Bono que - contanto que não arrisquem seu próprio dinheiro - o único motivo pelo qual eles não deveriam fazer isso são as demandas adicionais e pressão que isso colocaria nos quatro membros da banda.

“Sim”, Bono suspira. “E isso é o que nós temos que levar em consideração. Isso pode ser um motivo pelo qual nós não faríamos isso. A maior ameaça ao grupo nesse momento é a complexidade para administrar nossa organização. Essa é a maior ameaça. Como consequência, nossa vida musical sofrerá. E mesmo que nós não pudermos fugir de clichês como ‘Isso não é importante, o que importa é a música’, há alguma verdade que as pessoas que se auto-gerenciam acabam perdendo. Há um monte de exemplos. Então nós temos que ter muito cuidado. Um dos princípios que nós temos no momento é a ideia de ‘simplificação’, e então há esta outra ideia. E eu não sei realmente por qual caminho nós devemos seguir. Deveríamos ir a fundo no pântano de opções de permutações e combinações, ou nós devíamos realmente simplificar?”

“Bem”, eu digo, adotando uma posição firme nos dois lados da questão, “é possível fazer ambos, mas isso demandaria de vocês deixar um pouco o escrutínio em tudo o que é feito sob o nome de vocês”.

“Certo”, diz Bono. “Isso mesmo. Brian Eno trouxe a metáfora da Warhol’s Factory, que deve ser considerada. Warhol envolveu um monte de pessoas, e ele era apenas a ponta-de-lança de toda aquela energia. Mas você poderia argumentar que em um certo momento talvez ele tenha deixado as coisas saírem muito de controle”.

Você certamente poderia. Bono e eu fomos a uma exposição de Warhol na Austrália que mexeu comigo - foi como ser encurralado por alguém que você se desentendeu anos antes, te mostrando filmes caseiros de pessoas que você tentou evitar. Um laboratório criativo de um homem é uma licença para outro homem fazer bobagem. “Esse tipo de projeto põe outra pressão sobre a banda”, digo a Bono, “porque os quatro membros podem não ter o mesmo interesse no assunto. Parece para mim que uma das coisas em que Adam se esforça para decidir é o grau no qual ele deseja ter que estar envolvido em todas essas coisas”.

“Sim”, diz Bono, “É uma questão complexa porque de um lado isso é uma observação e uma decisão sobre a qualidade de vida que ele quer ter, mas de outro lado é uma posição defensiva de uma pessoa cuja energia está sendo consumida em algum outro lugar. É tão difícil isso, porque ninguém quer ficar pra trás, e quando você é um colega, e quando você não recebe mais por trabalhar mais, você sente que não pode ficar para trás, porque ameaça o processo inteiro. É algo que não tenho nenhuma resposta para dar. Mas nós estamos todos nesse ponto, Adam não é o único. Eu estou pensando nisso. Eu estou pensando se eu gostaria de sair completamente das mega estruturas para algo mais de um ponto de vista pequeno. Eu acho que foi você que disse: ‘Sinatra levou 50 anos pra pegar o jeito certo’. Aquele comentário rondou minha cabeça por um tempo, e eu pensei: eu tenho essa voz que recebe tão pouca atenção. Eu tenho uma opinião de um artista e uma habilidade para escrever que é tão subdesenvolvida, na qual dedico tão pouco tempo. Você esteve lá. Você me viu como o controlador de tráfego aéreo escrevendo fora do céu, pedindo para a moça da limpeza, ou qualquer pessoa que me aconselhasse sobre as letras. Agora, isso é em parte uma estratégia; não é apenas o fato que essa habilidade recebe pouca atenção. Mas há várias outras áreas. Performance! A habilidade de se apresentar é inata, mas em mim ela é muito subdesenvolvida. E se eu tivesse a chance de pensar sobre isso, fazer isso funcionar? Nessa turnê eu estive me dedicando a um *script* que foi escrito muito rapidamente, porque você não tem a chance de reescrever esse tipo de coisa. É como tentar reescrever um filme no *set*. Você pode fazê-lo, mas vai pagar um preço muito alto. Você pode tomar um monte de decisões ruins”.

É bastante notável que em todos os assuntos relacionados ao U2, a coisa que o público se concentra costuma ser a parte de Bono: a letra, o canto, o que ele faz no palco – que são acrescentados bem no

final – até depois que a música é escrita, depois que a faixa de acompanhamento é gravada, depois que o cenário é projetado e os figurinos são adaptados e os setlists são gravados nos monitores.

“Nos anos oitenta”, diz Bono, “quando eu dizia às pessoas: ‘Você não entende. Nós estamos apenas arranhando o topo dessa coisa’, eles sempre pensavam que era modéstia. Mas era bastante preciso. Não era nenhum tipo de previsão de grandes coisas por vir; isso era apenas pura frustração. ‘O que aconteceria se todos nós pudéssemos tocar no tempo certo?’ ‘O que aconteceria se tivéssemos a oportunidade de escrever?’ E assim, sempre que houvesse esses saltos quânticos, essas pessoas diriam: ‘Eu achava que eles não conseguiam fazer isso’”.

Sáimos do jardim e entramos nas ruas secundárias de Tóquio, conversando o tempo todo. Quando deslizamos entre os varais de roupa em um beco nos fundos, Bono diz sobre o U2: “Nossa evolução está de volta à vanguarda. É algo completamente idiota. E talvez uma das maneiras que o grupo possa progredir seja através da simplificação. Eu não sei. Talvez seja assim. Eu sei que as pessoas não têm energia para nada novo neste momento. E é por isso que eu nem sequer mencionei Tóquio para elas. Haveria um colapso nervoso coletivo. Nem quero que pensem em coisas como essa. E pode ser que eu nos meta em problemas, se quiser, nos coloque nesses lugares, mas preciso deles para nos tirar desses lugares. Nós realmente precisamos um do outro. Essa é a outra coisa. Se acabarmos fazendo a rede de conexões Zoo TV, vou precisar do Larry lá dizendo: ‘Isto é uma chatice! Quem é esse cara?’”.

“Então eu não sei”. Bono suspira, olhando para a bifurcação na estrada com a mesma ambivalência que confrontou Dorothy, o Espantalho, e Robert Frost¹. “Algo em mim adoraria escrever uma canção, e você sabe, experimente-a em algumas teclas diferentes. O que ainda nunca aconteceu”.

Um motorista colide com um homem em uma bicicleta, fazendo-o esparramar-se e lançar maldições nipônicas enquanto Bono para na rua para admirar um carro japonês, com uma engrenagem bem específica (RVR aberta).

“Continuo tendo discussões com pessoas que estão muito aborrecidas com o design japonês”, diz ele. “Acho os contornos realmente uma pista para o futuro. Da mesma forma que nos anos setenta todo mundo fazia cocô em suas bicicletas, e nos anos oitenta eles reinavam supremos, acho que o mesmo acontecerá nos anos noventa com os carros”. É hora de trocar o Trabant por um Toyota.

Encontramos um lugar que vende espaguete e pedimos o almoço.

“Há algo que pode não estar representado de forma justa no livro, se você não falar sobre isso”, digo a Bono enquanto giramos nosso macarrão com uma confiança que deixaria a Sra. Clayton orgulhosa. “O fato de sua fé ainda estar intacta”. Você tem feito tanto trabalho contra a imagem do U2 como os homens piedosos no topo da montanha que um leitor poderia ter a impressão de que a fé dos membros tinha se tornado muito parecida com o episcopalianismo americano padrão: ‘Nós acreditamos em Jesus no Natal, mas isso não vai afetar nosso dia-a-dia e, se você realmente quiser, um ministro batizará seu gato’. Quer tratar disso?”

Bono faz uma careta que sugere que, ou o espaguete fede ou a pergunta fede. “É uma posição muito libertadora para não ter ninguém esperando isso de nós”, diz ele.

“Encontramos diferentes maneiras de expressá-lo e reconhecemos o poder da mídia para manipular tais sinais. Talvez tenhamos apenas que puxar nossos peixes para a areia. Ela está lá para as pessoas que estão interessadas. Não deveria estar lá para as pessoas que não estão”.

¹ Poeta norte-americano.

“Você acha que você, Larry e Edge ainda estão no mesmo comprimento de onda em suas crenças?”

“E o Adam?” Bono diz rapidamente. “Adam é o mesmo. Quer dizer, ninguém é exatamente o mesmo, mas Adam é um crente. Eu acho que o espírito se tornará cada vez mais importante nos próximos dez anos, quando ficar claro que Deus não está morto, Nietzsche está”.

Pagamos nossa conta e começamos a caminhar de volta para o hotel, cada um de nós assumindo que o outro sabe para onde estamos indo e só gradualmente percebendo que estamos completamente perdidos. Tentamos pedir orientações e obtemos gestos vagos em direções conflitantes. Decidimos que se andarmos a esmo o tempo suficiente, tropeçaremos nele. Bono não acha que o U2 voltar para casa a partir de sua noite de dois anos na cidade signifique qualquer fim de interesse no assunto. “As pessoas podem se sentir mortas, mas não estão realmente mortas”, diz ele. “Estou pronto para realmente começar a examinar esse tema muito mais assustador da cozinha, da domesticidade e da vida real”.

Ei, aí está o hotel! Reconheço-o pelo cordão das crianças com câmeras e livros de autógrafos. À medida que nos aproximamos dos fãs, eles gritam e Bob e Bono sorriem. “Eu não dormi nada na última semana. Eu me diverti muito, precisava desabafar, e vocês sabem... Na verdade, eu já estou farto. Eu não quero mais”. (O pessoal do figurino passou a vigiar o quarto de Bono e, quando ele parece brevemente desmaiar na cama, eles entram, o despem e levam suas roupas para lavar sem acordá-lo).

Enquanto Bono assina seu livro, uma das meninas japonesas pergunta: “Você está bem, está resfriado?”.

Eu digo a ela: “Não, ele sempre tem esse aspecto”.

“Não, ele não tem!” ela insiste.

No saguão aprendemos que estamos em grandes apuros. Todos partiram para o show há muito tempo, exceto Eric, que ficou para trás para esperar por Bono. Não só nos perdemos em Tóquio, como perdemos a noção do tempo e esquecemos que o show aqui é uma hora mais cedo do que o habitual - o U2 tem que estar no palco às 8 horas. De qualquer forma, foi uma turnê confusa - Christchurch e Auckland foram os únicos dois shows sucessivos em toda esta etapa que estavam no mesmo fuso horário.

O Domo de Tóquio é um grande ovo branco. Dentro dele há uma estranha suavidade de uma embalagem de isopor. É como estar dentro de uma bola de pingue-pongue. As filas e filas de cadeiras dobráveis estão alinhadas com corredores largos entre cada seção, e um abismo largo entre a fila da frente e o palco. Bono perdeu a passagem de som; ele mal tem tempo para se vestir antes do U2 subir ao palco. A grandiosidade da alta tecnologia do palco e as torres da Zoo TV foram seriamente reduzidas para conseguirem ser colocadas lá dentro. Não importa se o teto tem dez andares de altura; o próprio fato de haver um teto prejudica o efeito de paisagem urbana do palco.

Mas nada dói tanto quanto o fato de que Bono está trabalhando a meia velocidade e a banda estar experimentando um banquete de erros técnicos, o pior dos quais é quando a guitarra de Edge desaparece em “Even Better than the Real Thing”, deixando Bono tentando acalmar os ânimos com palavras improvisadas sobre uma versão de baixo e bateria da música, esperando que Edge volte. O público japonês tem a reputação de ser o mais moderado do mundo. Talvez seja, mas eles ainda estão se divertindo claramente em sua maneira conservadora. Bono tenta fazer as coisas saltarem. Ele grita: “Tóquio! A capital da Zoo TV!” e inicia um pequeno mergulho no palco, nadando através das fileiras ao longo do caminho para o palco B. Eles recebem um grande tipo de resposta ou algo parecido com isso, e essa parte da platéia, pelo menos, permanece animada e em pé depois disso. Mas no geral é bastante monótono, e não é culpa da platéia. O U2 está se arrastando esta noite.

Ao meu lado na mesa de som, McGuinness se inclina e diz: “Bem, mais cedo ou mais tarde você teria que ver o fedor de verdade”.

Bono está exausto e um pouco arrependido depois. “Acho que gastei toda a energia que deveria ter gasto naquele show conversando com você esta tarde”, diz ele. “Eu deixei esse show no jardim japonês”.

